

direcionar parte de seu trabalho para estruturar e organizar o processo grupal. Eles então classificaram o conteúdo (referente ao design em si) transmitido durante os experimentos realizados, que simulavam reuniões de trabalho de equipes de design, em 6 categorias: (i) esclarecimento do objetivo, (ii) geração de soluções, (iii) análise (análise das alternativas geradas), (iv) avaliação, (v) decisão e (vi) controle (controle da implementação da solução). De forma similar, classificaram as informações acerca do processo em 5 categorias: (i) planejamento, (ii) análise (perguntas e respostas sobre o processo do grupo); (iii) avaliação, (iv) decisão e (v) controle.

Os resultados do estudo indicaram que em 2/3 do tempo os indivíduos se comunicaram sobre questões relativas ao conteúdo do design, enquanto 1/3 do tempo foi dedicado a estruturação do processo do grupo. Também foi observado que a maior parte da comunicação da equipe é sobre a análise tanto do conteúdo (46%) quanto do processo (17%). A segunda categoria mais frequente foi a avaliação do conteúdo (13%), seguido do esclarecimento do objetivo (7%) e a avaliação do processo (5%). De maneira geral, 63% da comunicação estava relacionada com a solução do design, 7% com o espaço do problema e 30% com o processo do grupo [20]. Já [21] estimou que 21% da comunicação está relacionado com a definição do problema de design e 78% com a sua solução.

[20] observaram também que uma vez que as equipes estavam lidando com o conteúdo ou com o processo, eles tendiam a manter o foco do diálogo durante algumas trocas de comunicação antes de mudar completamente o foco. Além disso, os resultados mostraram que ocorreu um constante entrelaçamento de sequências de fala sobre o conteúdo e sequências de fala sobre o processo, ambas com certa duração.

[13] estudam o diálogo entre um arquiteto e um cliente nas fases iniciais do projeto, quando ainda não existem representações visuais e, portanto, existe uma dependência das representações verbais. Durante a conversa arquitetos e usuários constroem socialmente os atributos da construção como parte de um processo semiótico social.

As autoras citadas acima classificaram as falas durante esses diálogos em quatro categorias de afirmações nas quais elementos de design podem ser representados [13]: (i) funcional, referente às propriedades do espaço; (ii) perceptual, percepção das propriedades do espaço; (iii) fenomenológico, experiência do espaço; (iv) simbólico, significado atribuído ao espaço. Elas identificaram que uma grande parte do diálogo tem uma função social, para manter a continuidade da conversa. Do que se refere a contribuições explícitas para o processo de design, a maior parte das expressões dos usuários nos casos estudados eram acerca de aspectos funcionais ou estruturais (10,4% das afirmações) que eles podiam apontar e nomear. Isso pode refletir a maior familiaridade com os aspectos funcionais e a importância desses elementos para eles. Foi solicitado uma atividade prévia de elaborar uma "lista de desejos". As autoras consideram que a atividade, que levou os usuários a pontuarem elementos a serem alterados, também pode ter impactado na frequência de afirmações funcionais. Propriedades fenomenológicas, perceptuais e simbólicas foram pouco frequentes (2,3%, 1%, 0,4% das afirmações respectivamente). Segundo [13] menos afirmações do que o esperado sobre as percepções do espaço, sentimentos e significados associados com a experiência nos espaços foram verbalizadas.

[13] também afirmam que a informação compartilhada com o arquiteto ou era uma descrição do espaço como era utilizado naquele momento (64,7% das afirmações funcionais), assumindo que isso deixaria claro os tipos de atividades para as quais o espaço seria utilizado, ou as aspirações dos usuários para a construção futura (35,3% das afirmações funcionais).

Durante os diálogos, os usuários tiveram um papel ativo em sugerir ideias de design. Foi possível notar que alguns usuários eram mais competentes que outros em discussões de contribuições, se mostrando mais informados tecnicamente que outros. Existiam diferenças entre a compreensão das propriedades estruturais e a habilidade de articulação de preferências espaciais para o design da construção [13].